

[POEMAS]
ATRACADOS
AOS PÉS
DA CAMA

Copyright © Fábrica de cânones, 2021.
Atracados aos pés da cama© Geruza Zelnys, 2021

Editor

Eduardo Guimarães

Capa, projeto gráfico e diagramação

Luyse Costa

Revisão

Luiz Guilherme Sakai

Ilusrações

Felipe Stefani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Z51

Zelnys, Geruza

Poemas atracados aos pés da cama/Geruza Zelnys –
São Paulo : Fábrica de cânones, 2021.

110 p.

ISBN 978-65-990753-3-9

1. Poesia brasileira I. Título.

CDD 869.91

(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

Fábrica de cânones
R. Professor Miguel Milano, 86, Vl. Mariana
CEP: 04012-010, São Paulo - SP - Brasil
Tel: (11) 98338-2314
@fabricadecanones
fabricadecanones.com.br

geruza zelnys

[POEMAS]

ATACADOS
AOS PÉS
DA CAMA

1ª Edição | São Paulo | 2021



Fábrica
de cânones



Não dizer *Luto*. É psicanalítico demais. Não estou de luto.
Estou triste.
[Barthes, Diário de luto]

Sinto-me culpadíssimo por publicar o seu fim, por exhibir seus últimos suspiros e pior ainda, com finalidades que alguns poderiam julgar literárias [...] e o que fazer, não me sentiria eu igualmente culpado, não o seria na verdade caso escrevesse aqui sobre mim sem resguardar o menor traço dela, deixando-a morrer no fundo de um outro.
[Derrida, Circonfissão]



para minha tia – Edna é o seu nome – em espera



... e se me dizem que ela está em coma, respirando por tubos, e que uma veia explodiu em seu cérebro, nada – a não ser um impulso de preparar minha mãe para o pior – me comove. nem um torcer de lábios, nem uma fisgada no peito, talvez porque os acontecimentos todos tenham tirado de mim esse espanto, essa sensibilidade diante da vida, ou mais ainda, diante da morte: apenas um corpo destinado ao destino de todos os corpos: o fim.

mas se eu lhe digo assim que ela agora está dormindo e que no seu sono reelabora as experiências vividas, os encontros dessa vida, as horas em que já morreu, se lhe digo que ela dorme e se elabora em sonho ponderando com seu corpo se vale a pena continuar aqui ou se o melhor a ser feito é destinar-se, porque se lhe digo isso, creio mesmo que me ouve acolhendo-me no canto dos olhos. então a imagem de uma mulher que dorme e pondera, com toda autonomia de seu ser, se seus olhos se abrirão ou não, se digo isso então eu choro,

então meu corpo todo se contrai e é como se todas as facas do mundo estivessem me atravessando e é como se meus ombros e omoplatas se rasgassem e sinto minha pele em flor picada de aço e insetos. porque é sempre só através da literatura, da doença da literatura, que consigo tocar a vida e me espantar da morte. ou tocar a morte e me espantar da... talvez porque o acontecimento que em nada se pareça ao real só possa ser assimilado pelo literário. e então nada posso fazer pela minha mãe, não posso consolá-la porque não há consolo para minhas mãos e esse soluço que convulsiona meu corpo, essas



lágrimas

que vazam e contaminam de mim esse mim mesmo ereto e duro, então eu amoleço e peço para que ela viva, para que ela escolha viver, que pelo menos tente como tentam os rios que sofreram um derrame de barro, os asfaltos inundados pela explosão de sangue daqueles que não puderam escolher. ela não sabia ler e tentava sílaba por sílaba compreender o que diziam aqueles versos porque a poesia ensina mais dos vazios do que a prosa contínua.

tia,

esse livro não é pra você e então ela lia um poema por dia e um dia eu a ouvi dizer para minha mãe, essa mulher que já não há quem a console, essa menina... ah meu deus ela dizia essa menina porque eu sempre serei a menina uma menina para ela que sempre será a mulher, uma grande e tão querida mulher... naquela manhã eu me escondi para ouvir porque naquela casa eu sempre serei e farei coisas de menina... ela disse para minha mãe essa menina a Branca sente muita solidão e eu chorei porque aquilo que ela disse já era literatura, era um eu-ela-terceira pessoa capaz de me alçar ao reino da dor... ninguém me leu como minha tia que não sabia ler...

que não sabe ler...

encasulo-me na solidão e descubro que você sempre esteve aqui comigo no escuro dessa genealogia de mulheres que podem decidir pela vida ou pela morte de seu corpo... há um livro de contos ainda por ler, há um romance tatuado de versos especialmente para você entender... mas esse livro é pra você...

um poema por dia, tia...

eu respeito tua escolha, mas por favor...

volta

[28/09/2016]



O CHAMADO
[BOCA]

atreve-te a atravessar essas paredes
de uma memória dura
ficcionalizada em poesia
dobra teu corpo sobre minha cama
e injeta duas ampolas
de gozo líquido
nesses olhos
insones
são as noites que te espero tanto
são as noites que
são
escuros
todos os gritos guardados entre
a fronha e o travesseiro
não há espaço para a dor
e reza comigo três versos
não importa o que digam
apenas a rima açulando sentidos
e os meus pés
adormecidos
os cantos
as camas
os mortos-vivos
as seringas e as agulhas
os passos brancos e rítmicos

atreve-te a furar o silêncio
com teu falo que aguardo tanto
e com os dedos unidos
planta no meu sexo seco
a tua oração

não te enganes com o que vês
a vida
acontece no avesso

dobra-te
sobre ti mesmo
há um poema
em estado gasoso
escapando pela janela
da garganta

vejo tudo que respiro

tenta contê-lo
em teus lábios
guarda dele ao menos
as asas
para quebrarmos
juntos
suas articulações

porque se um dia eu voltar
a viver
será para a morte:



O ACONTECIMENTO [CÉREBRO]

“só
nos resta esperar”

é o que diz o doutor
enquanto des-
espero

“estado vegetativo crônico”

“apresenta alguns reflexos primitivos preservados, mas nenhuma consciência coerente ou self”

vegetalizo-me
na fria fotossíntese
de lâmpadas fluorescentes

que vês quando me olhas?

cozinhava para ti a abobrinha
o chuchu e
outros verdes que o coração
e a pressão suportavam

tu me trazias um buquê
de não-me-esqueças

e eu me esquecia
do nome científico
dessas flores

“um enorme coágulo na metade esquerda do cérebro”

abriu-se como a rosa
que se derramava sobre a terra ainda úmida
sepultada ao relento

que a poesia me permita a escolha muda: do vegetativo
ao estado de planta

rega-me então com tuas lágrimas